

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA SOCIOLINGÜÍSTICA EM SALA DE AULA

**Juliana Ribeiro Bonifácio¹, Lucas Betânio Azevedo Costa², Talliane
Fernanda Fogaça³, Teresinha Nogueira⁴**

¹ UNIVAP/Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras. Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí/SP. Email: july_boni@hotmail.com

² UNIVAP/Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras. Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí/SP. Email: lukasextreme@yahoo.com.br

³ UNIVAP/Faculdade de Educação. Licenciatura Plena em Letras. Estrada do Limoeiro, 250, Jardim Dora – Jacareí/SP. Email: tallianef@hotmail.com

⁴ UNIVAP – Faculdade de Educação/Letras, Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova, São José dos Campos, SP, e-mail: terenog@univap.br

Resumo- Este artigo objetiva discutir a teoria Sociolingüística, principalmente o conceito de variação lingüística e os fatores que contribuem para que a variação ocorra, como os fatores externos que são: idade, sexo, escolaridade, meio em que a pessoa vive, entre outros; e os fatores internos que são: morfológicos, sintáticos, fonológicos, etc. Se o uso das variedades não for compreendido a partir de uma situação enunciativa, pode ocorrer o preconceito lingüístico. Como nosso estudo é de base teórica pretendemos mostrar também o quanto é importante para o professor conhecer essa teoria para dar outro tratamento às variantes utilizadas por alunos no contexto escolar, sem estigmatizar o estudante e a variante que ele usa.

Palavras-chave: Sociolingüística, preconceito-lingüístico, variantes, papel do professor

Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes

Introdução

Este artigo é parte de uma pesquisa em andamento e objetiva mostrar a importância da teoria sociolingüística dentro de sala de aula e como o estudo e a aplicação dessa teoria pode ser relevante para o professor de línguas.

A Sociolingüística é ramo da Lingüística que tem por objetivo estudar e analisar a língua falada no contexto social do indivíduo, ou seja, ela vai trabalhar a relação entre a língua e a sociedade, sendo que esta influencia na utilização das variantes, tanto a padrão quanto a não-padrão.

Para Alkmim (2000:21):

“Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano [...] Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre fenômeno lingüístico”.

Os estudos sociolingüísticos podem contribuir no sentido de reavaliar a noção de erro, pois os termos “certo” e “errado” são questionados por este referencial teórico. Por exemplo, quando uma pessoa diz: “Nóis vai” ao invés de “Nós vamos”, em uma conversa informal não está errado, ela apenas está usando uma variante não-padrão e é neste aspecto que a Sociolingüística contribui para diagnosticar e dar um tratamento adequado às diversas maneiras de dizer a mesma coisa.

Não é somente a fala padrão que garante o entendimento em uma situação enunciativa, uma pessoa pode utilizar a variante não-padrão que será entendida. O problema é que tal uso tem causado preconceito lingüístico aos seus falantes, pois esses são estigmatizados e corrigidos pelos usuários da variante padrão, que classificam como errado o fato de se utilizar a variante não-padrão e acabam prestigiando e elevando a utilização da variante-padrão que é tida como “oficial” e “correta”.

“...Onde se fixa o estigma não atrapalha a comunicação, a confusão entre a lateral [j] e a vibrante [r] em palavras como garfo-galfo; solvete-sorvete; voltar-vortar; etc. Não dificulta o entendimento a substituição da fricativa [v] pela oclusiva [b] em vassoura-bassora.[...]”

A repressão, discriminação e correção sistemáticas dessas variantes justificam-se apenas do ponto de vista -estético- da variante dominante, e não a partir de critérios lingüístico-comunicativos. Portanto, não são práticas necessárias nem, o que é mais grave inocentes e sem conseqüências...” (CARBONI, 2003)

Utilizando a teoria da Sociolingüística em um contexto escolar, os professores devem levar em consideração o fato de que cada aluno é diferente do outro, pois para a Sociolingüística os fatores externos, tais como: idade, sexo, meio em que a pessoa vive, entre outros, são constitutivos dos sujeitos e cabe aos docentes tratá-los com

igualdade, sem demonstrar preconceito com o modo de falar, de se expressar deles, e principalmente não estigmatizá-los.

Materiais e Métodos

Devido ao fato de nosso artigo ser uma pesquisa teórica usamos como material de pesquisa para compor nossa metodologia livros, pesquisas em sites da Internet referentes ao tema específico e vários textos acadêmicos sobre Sociolinguística.

A Sociolinguística tem como objetivo analisar e estudar a fala na sociedade. Existe uma grande variação lingüística do português devido a diversos fatores (externos: sexo, idade, escolaridade, região, etc; internos: morfológicos, sintáticos, fonológicos, etc) que a Sociolinguística aborda e considera necessários serem conhecidos pelos professores de língua materna, para que possam entender os fenômenos chamados *variação e variantes*.

A variação é o fenômeno em si e a variante é por em prática a variável, o fenômeno, ou seja, dentro de uma variável existem as variantes, por exemplo: quando uma pessoa fala “*Nós fumo*”; “*Nós foi*”; “*Nós fomo*”, ela está utilizando variantes não-padrão, portanto as variantes são as diversas formas que existem para se dizer a mesma coisa e a variável é o fenômeno em si, neste caso, está relacionado a concordância verbal entre sujeito e verbo, pois para a norma-padrão o “correto” seria “*Nós fomos*”.

Por isso que a Sociolinguística é relevante para os professores, pois ela irá trabalhar e sistematizar as variantes não-padrão, mostrando que nenhuma forma de falar é melhor que a outra, fazendo com que os professores considerem o modo de falar de cada aluno sem demonstrar preconceito e explicar principalmente que a escrita é padrão, mas que a fala pode não ser padrão, depende da situação.

Discussão

A variação lingüística está presente em sala de aula e o uso de variantes não-padrão é constante, principalmente por adolescentes por serem parte de um grupo de indivíduos que tem maior contato com internet, televisão, o que já acarreta em uma utilização considerável de variantes não-padrão e a própria interação entre eles cria situações para essa utilização aumente

Mostrar e fazer com que o aluno se aproprie da variante padrão é preciso, porém o professor deve saber como fazê-lo. Deve-se ter o cuidado de não expor o estudante, sendo papel do professor mostrar que, o que o aluno fala é aceitável, mas existe uma outra forma de se falar.

O papel da escola é de apresentar ao aluno a norma culta de se falar e escrever, considerando as variantes dos alunos.

O importante é não estigmatizar o discente, não dizer que está errado sempre, mas mostrar que existe uma outra forma.

“Sabemos que cada falante adquire e internaliza a língua em uma de suas variedades: aquela que é predominante em seu meio; por isso o objetivo do ensino da L P não é fazer com que o aluno adquira sua língua (como no caso de língua estrangeira), mas é antes de tudo, ampliar a capacidade de o falante usar essa língua, desenvolvendo sua competência comunicativa por meio de atividades com textos utilizados nas mais diferentes situações de interação comunicativa. Esse tipo de ensino deve ver a gramática não como regras e normas pura e simplesmente, mas como uma gramática em explicitação, surgida da reflexão, baseada no conhecimento intuitivo dos mecanismos da língua.” (KLÉBIS, 2001)

É discutido hoje em dia por professores que o aluno não chega sem saber nada na escola e que o docente ao ensinar deve levar em consideração os conhecimentos prévios de cada aluno. Trata-se da mesma concepção, por isso, quando o professor for ensinar a língua escrita e oral, deve considerar que os estudantes possuem a sua própria maneira de falar, com suas características e variantes. Por isso, é necessário ajudá-los a apropriarem-se da variante padrão, mostrando-lhes que esse domínio vai ser útil em situações mais formais, como em uma entrevista de emprego, por exemplo.

“Vamos ver isto concretamente: uma pessoa que deseja trabalhar como operário (que lida em silêncio com uma máquina) pode conseguir tal trabalho, mesmo que fale um dialeto estigmatizado pela sociedade. Porém, se esse mesmo operário aspira a um emprego em que se lida com o público (sobretudo o de classes sociais altas) só o obterá caso se torne falante do dialeto “privilegiado por tais classes sociais”. (KLÉBIS, 2001)

O professor deve principalmente mostrar aos alunos que certas variantes são aceitáveis na fala, mas na escrita não, dependendo da situação enunciativa, por exemplo, em uma peça de teatro, se a intenção for satirizar um tipo de variante, ou representar o modo de se expressar de um falante, é permitido que se utilize variantes não-padrão ao escrever a peça.

Existem casos em que a variação atrapalha a escrita, há alunos que utilizam variantes não-padrão em produções textuais, porém uma parte significativa dos discentes consegue utilizar a variante padrão em seus textos, o que mostra que a utilização de variantes na fala não influencia tanto na escrita.

Como menciona Klébis, é preciso que o ensino seja produtivo e a caça aos erros não contribui para isso. O mais importante é ajudar na formação de novos cidadãos, considerando as suas diferenças e respeitando cada um em particular.

“Estudos descritivos da língua portuguesa usada no Brasil apontam vários desses supostos erros como tendências de mudanças em curso, no que diz respeito, por exemplo, à incorporação de estrangeirismos, alterações metafóricas, reorganizações sintáticas, concordâncias nominais e verbais, colocação de pronomes, conjugação verbal, etc.

A repercussão dessa campanha simplista de caça ao erro só traz prejuízos a um ensino produtivo da língua, que tenha por objetivo o aperfeiçoamento do desempenho oral e escrito do aluno e a ampliação de sua capacidade de leitura e produção de textos. É a retomada de um ensino prescritivo, que, além de acirrar os preconceitos sociais, pouco pode contribuir para a formação do cidadão.” (KLÉBIS, 2001)

Resultados

Este artigo tem como base a teoria da Sociolinguística, que, como já mencionamos anteriormente, estuda a relação entre a língua e a sociedade, e todos os fatores que cercam e constituem tal relação.

A Sociolinguística surgiu com Labov (apud, ALKMIM, 2000) que percebeu as diversidades que existem na fala, ou seja, as variantes. De modo geral, nenhum indivíduo em nenhuma língua fala exatamente da maneira que se escreve. A fala é um fato social, dinâmico e por essa razão muda constantemente, já a língua escrita é mais estática. Por isso, houve a necessidade de estudar a fala em seu contexto social, separadamente da língua.

Há em nossa sociedade, como em qualquer outra, um julgamento negativo em relação aos falantes da variante não-padrão, o que leva ao preconceito linguístico. A sociedade prestigia a variante-padrão como sendo a única forma correta de se falar, mas não há problemas em utilizar variante não-padrão em determinadas situações enunciativas, como por exemplo, em uma festa ou encontro informal entre amigos.

Os professores de língua portuguesa têm a responsabilidade de ensinar a língua de maneira adequada, sem preconceito e sem estigmatizar a fala cotidiana do aluno. Os estudos em Sociolinguística não mencionam que o docente deve aceitar o aluno escrever na variante não-padrão ou usá-la na fala em situações enunciativas formais, mas que deve informá-lo quais situações adequadas para utilizar a variante padrão e a não-padrão.

Conclusão

A língua, enquanto fato social, é um fenômeno dinâmico, pois se modifica com o tempo, pode sofrer influências regionais, sociais, que serão responsáveis pelos processos de variações linguísticas presentes na fala.

Nossa língua materna apresenta um alto grau de diversidades e de variabilidades. Para poder entender as variantes não-padrão, que serão apresentadas pelos alunos, os professores precisam saber da relevância que tem os conceitos da Sociolinguística, que menciona que os fatores externos da língua, como: sexo, escolaridade, região, idade, entre outros, são de grande importância para se entender uma variação.

Existem as variáveis internas e externas. As variáveis internas referem-se aos fatores internos da língua do falante, como: as variações fonológicas (de pronúncia ou “sotaque”); as sintáticas (referentes à construção gramatical das frases); as morfológicas (como por exemplo, falta de plural no sintagma nominal: “As *menina bonita*”), etc.

As variáveis externas são aquelas que estão fora da língua e referem-se ao sexo, escolaridade, região e idade do falante. A variação regional está relacionada às diferenças lexicais (de vocabulário), uma pessoa que mora no Norte/Nordeste, fala de um jeito que pode ser diferente de quem mora no Sul/Sudeste, por exemplo: aqui no Sul chamamos a **macaxeira** de **mandioca** e no Norte é macaxeira e em outras regiões pode ser chamada de **aipim**. O sexo, a idade também são relevantes, uma pessoa mais velha pode utilizar uma variação da sua época, que pode ser desconhecida pelas pessoas mais novas, como já foi mencionado anteriormente, a língua é dinâmica e se modifica com o tempo. A escolaridade também é relevante, existem pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar e de ter uma boa formação escolar e apresentam variantes não-padrão, como exemplo: ao invés de falarem “Varre o chão”; “Nós comemos”, falam “Barre o chão”; “Nóis comemu”. Muitas destas pessoas sofrem discriminação por falarem assim, há um grande preconceito contra a fala de indivíduos pertencentes a determinadas classes sociais, assim como existe um grande preconceito linguístico contra a fala característica de certas regiões do nosso país. Tal fenômeno pode ser entendido pela injustiça social que existe no Brasil.

Por isso, vimos que os conceitos sociolinguísticos são relevantes para o trabalho do professor em sala de aula, visto que a variação linguística está presente na fala dos alunos e não atrapalha a comunicação deles. O papel do docente é fazer com que os estudantes entrem em

contato com a língua padrão, pois sua aquisição é fundamental para o exercício da cidadania. O educador deve também mostrar a relevância que a variante padrão representa na vida social de todos, sem desconsiderar ou negar o modo espontâneo de falar de cada discente, trabalhando com as variações sem preconceito, fazendo intervenções adequadas sem estigmatizar a fala de um aluno e principalmente mostrar a diferença que existe entre **fala X escrita**.

Referências Bibliográficas

ALKMIM, T. M. Sociolingüística. In: MUSSALIM F e BENTES, AC. *Introdução a Lingüística: Domínios e Fronteiras*, v.1, 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

KLÉBIS, C. E. de O. *A questão da variação lingüística em sala de aula*. Disponível em www.navedapalavra.com.br (Acesso em: Março de 2006).

CARBONI, F. *Fale que te direi quem és*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/023/23ccarboni.htm> (Acesso em Maio de 2006).